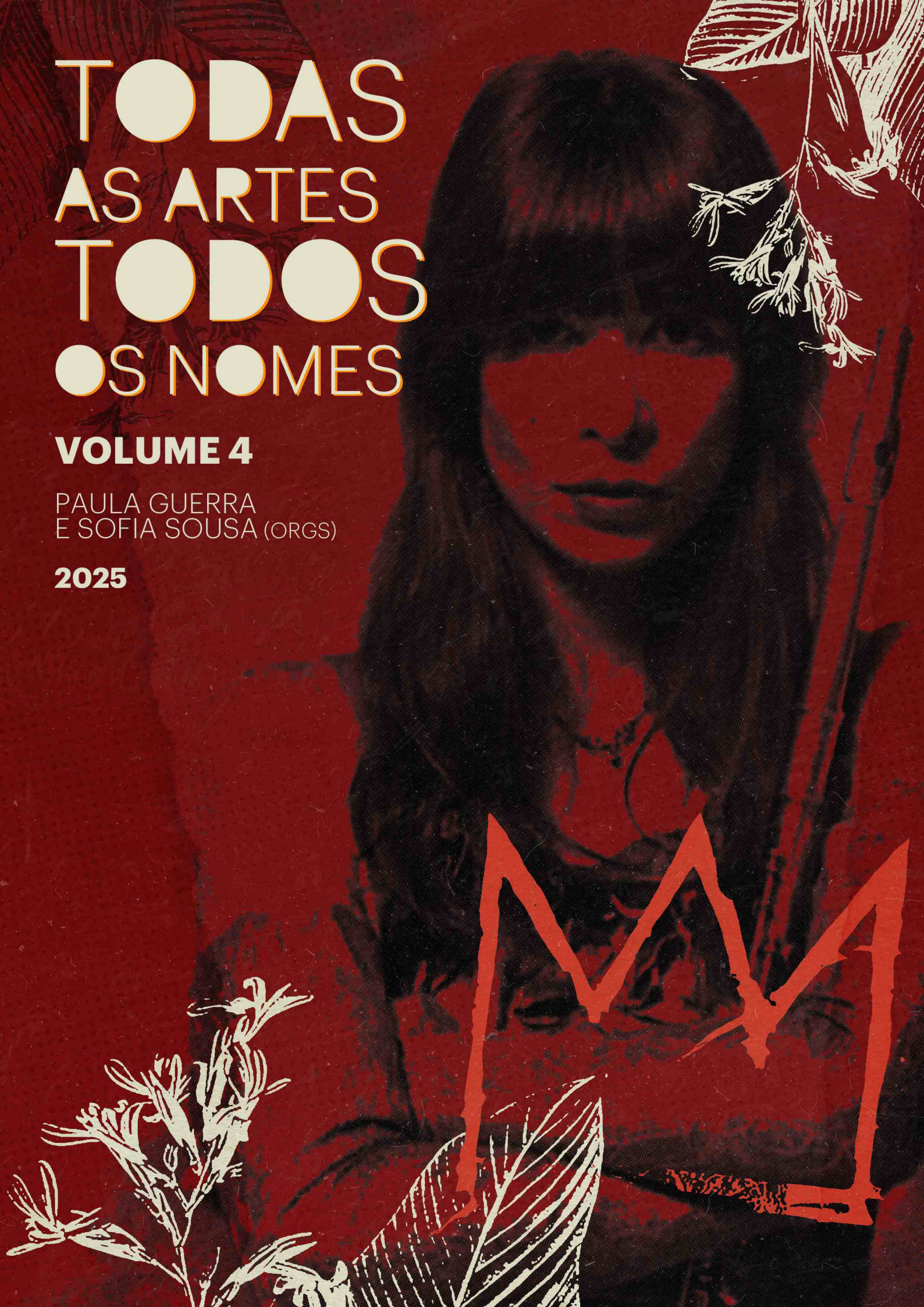




TODAS AS ARTES TODOS OS NOMES

VOLUME 4

PAULA GUERRA
E SOFIA SOUSA (ORGS)

2025



~~Todas as Artes
são os Nomes~~

CAPÍTULO 23



LINHAS COM QUE SE COSE A CULTURA EM SÃO JOÃO DA MADEIRA: REGENERAÇÃO URBANA NA ZONA OLIVA

LINES WITH WHICH CULTURE IS SEWN IN SÃO JOÃO DA MADEIRA: URBAN REGENERATION IN THE OLIVA AREA

Cátia Cardoso, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais, Portugal

Resumo

A presente análise discute o processo de regeneração urbana da cidade de São João da Madeira (distrito de Aveiro, Portugal) na última década, particularmente a transformação das instalações de uma fábrica, fundada em 1925 e encerrada em 2010, em instituições municipais dedicadas à cultura e à criatividade. Neste trabalho, é apresentada uma análise discursiva e qualitativa, a partir da pesquisa documental em páginas oficiais do município e na imprensa local. Articula-se a descrição do processo de regeneração da zona em causa com o debate teórico e analítico do campo das políticas culturais, considerando os conceitos de desenvolvimento e participação cultural, associados a processos de regeneração contemporâneos. A análise permite compreender que, nomeadamente nos discursos políticos, sobressai o conceito de desenvolvimento enquanto mecanismo para o crescimento económico, não sendo totalmente descurado o desenvolvimento sociocultural da cidade.

Palavras-chave: regeneração urbana, políticas culturais, São João da Madeira, Oliva, desenvolvimento.





Abstract

This analysis discusses the process of urban regeneration in the city of São João da Madeira (Aveiro district, Portugal) over the last decade, particularly the transformation of the premises of a factory, founded in 1925 and closed in 2010, into municipal institutions dedicated to culture and creativity. This paper presents a discursive and qualitative analysis, based on documentary research on the municipality's official websites and in the local press. The description of the regeneration process of the area in question is

articulated with the theoretical and analytical debate in the field of cultural policies, considering the concepts of development and cultural participation, associated with contemporary regeneration processes. The analysis makes it possible to understand that, particularly in political discourses, the concept of development as a mechanism for economic growth stands out, although the socio-cultural development of the city is not completely neglected.

Keywords: urban regeneration, cultural policies, São João da Madeira, Oliva, development.

1. Introdução

Nas últimas décadas, as cidades têm vindo a culturalizar-se cada vez mais. As políticas culturais reorientaram-se para entender a cultura como um instrumento de desenvolvimento económico, social e territorial (Ferreira, 2010; Menger, 2013). É neste contexto que ganham relevo as políticas urbanas que tomam a cultura como o centro da intervenção, do planeamento do território e da possibilidade de criar transformações que vão além da esfera cultural. Esta visão mais utilitarista da cultura passa pelos processos de reabilitação urbana. A cultura deixa de ser um fim em si mesma e passa a ser encarada como um instrumento ao serviço da promoção do desenvolvimento socioeconómico e do reforço da competitividade das economias nacionais e locais (Ferreira, 2010, p. 7).

O presente ensaio analisa o caso da reabilitação das antigas instalações da empresa Oliva, em São João da Madeira, no distrito de Aveiro. Através de uma recolha de informação em páginas oficiais dos equipamentos culturais que hoje existem nessa área, doravante designada Zona Oliva, bem como de notícias de jornal, procura-se refletir sobre a génese e a reorientação das políticas culturais e urbanas. Para tal, é considerado o conceito de desenvolvimento que aparece, local e globalmente, associado a essas políticas. É apresentado o historial da Oliva a partir do levantamento documental e é realizada uma análise discursiva, a partir de declarações dos atores políticos da cidade, procurando-se enquadrar a estratégia de regeneração da Zona Oliva com as tendências mais globais de requalificação urbana. A revisão da imprensa local consistiu, essencialmente, nas edições do jornal "O Regional", entre 2010 e 2016, sendo esses os anos de maior transformação dos edifícios outrora pertencentes à empresa Oliva. Todas as edições publicadas durante esse

período foram consultadas no arquivo físico do jornal, situado na rua 11 de outubro, 178, em São João da Madeira. Partindo do pressuposto de que o desenvolvimento carece do envolvimento da comunidade (Ferreira, 2010), este ensaio deixa algumas pistas para um estudo mais aprofundado sobre a participação cívica na dinâmica cultural aqui apresentada e que considere o conceito de democracia cultural (Lopes, 2007), que começa a surgir de forma explícita nas políticas culturais portuguesas, designadamente com a Carta do Porto Santo^[1].

Para conhecer brevemente o passado da empresa Oliva, basta entrar na página oficial do Museu da Chapelaria, do Turismo Industrial de São João da Madeira, do Centro de Arte Oliva ou então da incubadora Oliva Creative Factory. Todas essas instituições se ergueram em edifícios da antiga fábrica, fundada em 1925, com o nome de A. J. Oliveira, Filhos & C.^a, Lda. Ao longo da sua história, a empresa produziu forjas portáteis, tubos para canalizações, fogões em ferro fundido, ferros de engomar, autoclismos, prensas para bagaço, radiadores e salamandras, equipamentos para lavandarias industriais, banheiras e lavatórios coletivos, motores de explosão de pequena cilindrada, entre outros equipamentos. No seu expoente, empregou mais de três mil pessoas. Encerrou em 2010 e a Câmara Municipal adquiriu grande parte das instalações, transformando a Oliva numa marca associada à criatividade e à arte. A maioria das antigas instalações da empresa foram reconvertidas em espaços culturais e criativos e, atualmente, é nessa zona que se encontra grande parte dos equipamentos culturais da cidade.

2. As costuras do tempo

O ano de 1948 foi determinante no crescimento da empresa, que criou a máquina de costura Oliva, inaugurando o fabrico de precisão em série em Portugal e investindo fortemente em publicidade. Aliás, a empresa encomendou, ao longo do seu tempo de funcionamento, trabalhos de comunicação a profissionais e estúdios fotográficos “de excepcional qualidade e com experiência no registo de espaços industriais” (Marcelo, 2011, p. 10), tendo trabalhado com os melhores das áreas do design e das artes. Isso faz com que exista um considerável espólio de fotografias, postais, entre outros conteúdos (Marcelo, 2011).

Se, em 1926, um ano após a sua criação, a empresa ocupava uma superfície total de 2700 metros quadrados, sendo “composta por uma pequena fundição de ferro e uma serralharia mecânica que garantia o emprego de apenas 20 trabalhadores”, em 1948, ocupava uma área de 27 mil metros quadrados e tinha cerca de 550 trabalhadores (Marcelo, 2011, p. 15). Em 1968, detinha uma superfície global de 90 mil metros quadrados e uma população fabril de 1900 trabalhadores (Marcelo, 2011, p. 15). Em 1969, do seu complexo industrial faziam parte duas zonas e vários pavilhões, totalizando 43 áreas distintas, com serviços como escritórios, sala de desenho, laboratório e espectrometria, central de ar comprimido e corpo de bombeiros privativo (Marcelo, 2011, p. 87).

 ^[1] <https://www.culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2021/05/carta-do-porto-santo/>

Da história da Oliva fazem parte centenas de lojas espalhadas pelo país, anúncios iluminados no topo dos principais edifícios de vilas e cidade, cursos de corte e costura, um concurso nacional de “Vestidos de Chita”, a eleição anual de uma “Miss Oliva”, bem como filmes patrocinados pela marca, designadamente “A Costureirinha da Sé” (1958), de Manuel Guimarães, e “Sonhar é fácil” (1951), de Perdigão Queiroga. A máquina de costura Oliva contribuiu para um crescimento exponencial e foi, assim, na década de 40 que a A. J. Oliveira, Filhos & C.^a, Lda passou a ser conhecida apenas como Oliva, designação que se mantém, nos dias de hoje, nas instituições que surgiram nas suas instalações.

Apesar da sua componente industrial, a empresa tem um histórico que, de certa forma, se relaciona com a cultura. Para além da propaganda da empresa, os trabalhadores da Oliva “possuíam excelentes condições de trabalho”, fruto de uma política social e cultural, que levou à fundação, em 1951, do Centro de Cultura e Recreio Oliva, associado da Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, do qual resultaram atividades ligadas ao teatro, à criação de um órfão e a diferentes modalidades desportivas (Marcelo, 2011, p. 101). Todavia, na transição da década 60 para os anos 70, a empresa foi vendida ao grupo norte americano ITT – International Telephone and Telegraph, e, a partir dos anos 80, começou a entrar em declínio, fechando totalmente em 2010, com 85 anos de história. Os últimos relatos de trabalhadores, publicados na imprensa local, são, portanto, de suspensão inesperada da laboração e reivindicação de direitos.

O município de São João da Madeira adquiriu uma parte dos edifícios e começou um processo de reabilitação urbana “inspirada no modelo de reconversão de instalações industriais desativadas em centros artísticos e culturais” (Centro de Arte Oliva). As instalações da Oliva não ficaram à espera no tempo de uma nova vida. No ano seguinte ao encerramento da empresa foi publicado o livro de Paulo Marcelo (2011), com prefácio do então Presidente da Câmara Municipal de São João da Madeira, Manuel Castro Almeida. O autarca já anunciava o que se poderia esperar, num futuro não muito distante, “a revitalização de parte do complexo industrial da Oliva, que volta, assim, a constituir uma oportunidade de desenvolvimento para a cidade”. Esse desenvolvimento viria a assentar na Oliva Creative Factory (OCF), que, em 2011, estava a nascer nas antigas oficinas de fabricos gerais; na requalificação da Torre da Oliva, que também já decorria; e num núcleo museológico do calçado, que veio a ser o Museu do Calçado. Para o então presidente, estes projetos enquadravam-se “numa estratégia de desenvolvimento que acredita no poder da criatividade e da inovação e na importância de criar riqueza para colocar ao serviço das pessoas”.

Importa, assim, questionar, de que falamos quando falamos de desenvolvimento. Segundo Amaro (2017), os críticos do conceito apontam o seu carácter de dominação capitalista, colonialista e patriarcal. “Uma das características mais marcantes, desde o início, talvez até a mais dominante do conceito é o seu carácter economicista e produtivista e o seu vínculo decisivo ao crescimento económico” (Amaro, 2017, p. 84). Na frase de Castro Almeida, esse carácter é explícito quando menciona a criação de riqueza. Mas, Amaro (2017, p. 106) também afirma que este conceito pode ser “uma motivação, um factor de emancipação e de libertação e um alicerce de Utopia”.

Em 2021, numa reimpressão do mesmo livro, o Presidente da Câmara Jorge Vultos Sequeira mantém o conceito, frisando o “papel determinante da Oliva no desenvolvimento do concelho e na sua afirmação como grande polo empresarial do país” e salientando a transformação das suas instalações, que ficaram “de novo ao serviço dos cidadãos”. “Tal como no passado [...] a Oliva continua a ser um espaço de inovação e de afirmação de S. João da Madeira, não só na vertente empresarial, mas também na área criativa e cultural, promovendo o desenvolvimento da cidade”, considera o atual autarca, em linha com a perspetiva dos seus antecessores.

Para a cidade de São João da Madeira e para os seus atores políticos, a Oliva é um símbolo de desenvolvimento, que considera o económico e a emancipação^[2], conforme podemos depreender das declarações dos autarcas, de diferentes forças partidárias^[3], e também das declarações de antigos trabalhadores, que se tornaram guias do projeto municipal do Turismo Industrial, como estas, publicadas no jornal Público: “Havia um complemento de ordenado para quando se estava de doença”; “Era uma empresa que se antecipou a medidas do Estado”.

3. A regeneração da Zona Oliva

Se, nas décadas mais recentes, se descobriu o papel instrumental da cultura, também as indústrias culturais e criativas se tornaram, no quadro europeu, setores estratégicos para as políticas de desenvolvimento económico (Ferreira, 2010; Menger, 2013). Em São João da Madeira, a nova Torre da Oliva foi inaugurada em 2012 e no edifício ficou instalada a receção do Turismo Industrial da cidade, bem como o espólio integrado no chamado Núcleo Histórico da Oliva. O Turismo Industrial foi um projeto pioneiro a nível nacional, consistindo na possibilidade de visitar fábricas a laborar e conhecer essas empresas que se disponibilizam a mostrar as suas fases e processos de produção. No Núcleo Histórico da Oliva ficou exposta parte da história da empresa. No mesmo edifício, estão ainda disponíveis salas com diferentes formatos para a realização de eventos, e serviços, como o de bilheteira da programação cultural da cidade.

No mesmo ano, foi apresentado o projeto da OCF, que contou com a presença de Charles Landry, tendo este referido que “S. João da Madeira is small enough to make it happen, but big enough to be taken seriously”^[4]. A presença de Landry vem mostrar como a cidade acompanhava as tendências dos processos de regeneração urbana a acontecer um pouco por toda a Europa, bem como a ambição de São João da Madeira de se tornar uma cidade criativa, conceito popularizado por Landry (Ferreira, 2010). Segundo esta perspetiva,

 ^[2] Emancipação e desenvolvimento são dois conceitos presentes na história da cidade que, devido ao seu desenvolvimento industrial e económico, conseguiu emancipar-se do concelho de Oliveira de Azeméis, por decreto de 11 de Outubro de 1926. Esse decreto considerava o novo concelho o “centro industrial mais importante do distrito de Aveiro”, indicando que o seu desenvolvimento económico e social estava a ser “prejudicado, sufocado pela sua inferior categoria administrativa” (fonte: <https://www.cm-sjm.pt/pt/municipio-historia>)

^[3] Manuel Castro Almeida (2002-2013) e Ricardo Figueiredo (2013-2017) foram eleitos pelo Partido Social Democrata e Jorge Vultos Sequeira (2017-) pelo Partido Socialista.

^[4] Citado no jornal “O Regional”, de 31 de maio de 2012.

as artes e a cultura são entendidas como recursos fundamentais para a regeneração socioeconómica e sociocultural das cidades e a associação entre planeamento urbano e cultural deve ser canalizada para estimular a mobilização das pessoas e dos grupos em torno de projectos de desenvolvimento comunitário (Ferreira, 2010, p. 8).

O conceito de desenvolvimento adquire, neste entendimento, uma conotação mais voltada para a comunidade, em linha do que defende Amaro (2017). Por sua vez, o autarca Castro Almeida considerava que com a obra física o papel da Câmara estava feito e que a palavra era dada aos criadores do país^[5]. Desta forma, colocava o desenvolvimento nas mãos de criadores, entendendo-se a autarquia apenas como impulsionadora da criação, ao assegurar as condições infraestruturais para que ocorram os processos criativos, enfatizando, assim, o papel do privado e do mercado, em linha com a sociedade neoliberal da contemporaneidade (Harvey, 2008). A OCF foi inaugurada em 2013, com uma incubadora para projetos ligados às indústrias culturais, que o Presidente à época, Ricardo Figueiredo, defendia, em declarações à comunicação social, que poderia “colocar a arte e a criatividade ao serviço da economia, trazendo a indústria tradicional e as tecnologias ao encontro das artes e da criatividade”. Mais uma vez, o carácter economicista da reabilitação da zona fica marcado no discurso político.

Algumas das empresas que mais faturavam no concelho também colocaram a funcionar na OCF os seus centros de inovação, entre elas a ERT, que, entretanto, adquiriu uma parte das instalações da antiga Oliva. De acordo com uma notícia de 2019, do “Jornal de Negócios”, a empresa pretendia ter 300 trabalhadores nessa área, entre as instalações da atual OCF e a Torre da Oliva. A acontecer no futuro, tratar-se-á de um polo industrial no meio de um polo cultural, reforçando a simbiose entre a cultura e a indústria daquela zona. Além da incubadora, a OCF conta com a sala dos fornos que, mantendo o nome, se reconverteu num espaço para eventos culturais e com o edifício nascente, onde funciona uma escola de dança e o atual Centro de Arte Oliva (CAO).

“O edifício nascente tem características marcadamente mais de arte pura, não tão ligada ao negócio”^[6]. A frase é do sucessor de Castro Almeida, Ricardo Figueiredo, para quem a OCF, no seu todo, “não é um tique de cidade rica, é um projeto que visa ter impacto na economia real”^[7]. Com “arte pura” o autarca referia-se já às coleções de arte que viriam a ser ali depositadas. Tratam-se da coleção de arte contemporânea Norlinda & José Lima e da coleção de arte bruta Treger/Saint Silvestre. A primeira é apontada como uma das maiores coleções de arte contemporânea do país e a segunda é considerada um dos principais acervos mundiais de arte bruta (Queiroz, 2013). “As duas coleções têm sido apresentadas num programa de exposições temporárias, o que faz com que o Centro de Arte Oliva seja o único centro artístico do país a trabalhar, de forma regular e contínua, a arte contemporânea



^[5] Jornal “O Regional”, 31 de maio de 2012

^[6] Jornal “O Regional”, de 20 de junho de 2013

^[7] Jornal “O Regional”, de 25 de julho de 2013

e a arte bruta”, segundo indica a própria instituição na sua página. A criação deste núcleo de arte insere-se num “plano alargado de reabilitação de parte dos edifícios da extinta metalúrgica e fábrica Oliva e da sua reconversão em projeto cultural”, conforme se lê na sua página oficial. Esse projeto cultural, iniciado em 2013 com o nome de Núcleo de Arte da Oliva, passou, em 2019, a ser designado por Centro de Arte Oliva (CAO). A mudança de nome pretendeu, segundo o município^[8], colocar a instituição no mapa e torná-la mais atraente.

Em 2016, no edifício da Torre da Oliva, foi inaugurado o Museu do Calçado, procurando retratar “a memória da indústria do calçado em S. João da Madeira e a realidade do design de calçado em Portugal no século XX, apontando ainda caminhos da vanguarda tecnológica e criativa do século XXI” (Museu do Calçado). A criação deste museu é entendida como resultado da importância histórica, a nível nacional, de São João da Madeira na produção de calçado, bem como do “enquadramento físico e simbólico do Museu numa política mais abrangente que assenta na cultura e a criatividade como fatores de desenvolvimento local” (MC). Entre os objetivos do museu, está o contacto com a população local e com os públicos, bem como ser um espaço de “aprendizagem e experimentação que tem no estudo e investigação, incorporação, inventário e documentação, conservação, segurança, interpretação e exposição e educação, funções vitais” (MC). Para tal, a instituição tem colaborações com o setor do calçado (operários, empresários, comerciais, lojistas, designers). Na sua inauguração, o autarca Ricardo Figueiredo classificou-o como um “equipamento de matriz cultural, virado para o turismo” e, portanto, “um instrumento de exercício e fomento da economia e do desenvolvimento”^[9]. Nos discursos políticos, verifica-se a presença da lógica económica, frequentemente associada ao desenvolvimento, mais do que a presença da lógica comunitária e de participação cultural.

Resumindo todo este processo de regeneração urbana que foi a reabilitação de grande parte das antigas instalações da antiga fábrica de máquinas de costura:

Sob um investimento de cerca de 12 milhões de euros (grande parte vinda de fundos comunitários), a icónica torre da Oliva tornou-se a receção do Turismo Industrial local, no Museu do Calçado e no Núcleo Histórico da Oliva e a área dos fabricos gerais acomodou a incubadora de indústrias criativas Oliva Creative Factory (OCF) e um núcleo de arte contemporânea (Jornal de Negócios).



^[8] Segundo o Presidente da Câmara, Jorge Vultos Sequeira, citado numa notícia do jornal “O Regional”, de 14 de março de 2019.

^[9] Jornal “O Regional”, de 10 de novembro de 2016.

4. Desenvolvimento e envolvimento

A estratégia de São João da Madeira, de reconversão de espaços industriais em espaços culturais, e de desenvolvimento de uma cidade criativa, não surgiu com a Oliva. Nas imediações do Museu do Calçado, está, desde 2005, o Museu da Chapelaria que também resultou de um processo de reconfiguração urbana, a partir das instalações de uma antiga fábrica de chapéus, adquiridas pela Câmara em 1996. Segundo Ferreira (2010), de 1980 em diante adquiriu expressão uma geração de políticas para a regeneração das cidades, baseada na associação entre planeamento urbano e planeamento cultural, sendo que, no caso português, os exemplos mais ilustrativos de catalisadores de regeneração urbana surgem com projetos como a Expo 98. Nesse sentido, podemos afirmar que São João da Madeira foi uma cidade pioneira na reconfiguração das suas políticas de desenvolvimento, ao inaugurar, ainda no início do século, o Museu da Chapelaria e, poucos anos depois, a OCF, o CAO e o Museu do Calçado. A esses projetos ainda se pode juntar a maior sala de espetáculos da cidade, a Casa da Criatividade, instalada no edifício do antigo Cine-Teatro Imperador e inaugurada em 2013, localizando-se fora daquela que aqui é designada zona Oliva, ainda que relativamente perto^[10].

É no contexto de regeneração urbana aqui apresentado que, em 2014, uma notícia no jornal “O Regional” anunciava: “Foi na cultura que o município de S. João da Madeira mais investiu nos últimos anos”. Para essa dimensão do investimento terá contribuído, entre outros projetos, a requalificação da OCF, que contou com “o maior investimento de sempre”, segundo o então Presidente da Câmara, para quem se tratava de dar prosperidade a uma zona de degradação e declínio. Assim, ao longo dos últimos anos, a Zona Oliva foi sendo alvo de intervenções, ora mais artísticas, como a instalação de um fragmento do muro de Berlim e um mural do artista Vhils a homenagear operários; ora mais urbanas, como a reabilitação do parque de estacionamento da OCF. O investimento privado também tem acontecido, destacando-se a construção, nas imediações do Museu do Calçado, de um empreendimento imobiliário privado, de 12 milhões de euros, que deverá designar-se Eco Village Oliva. Portanto, o processo de regeneração da Zona Oliva, que ainda decorre, tem sido contínuo e considerando diferentes dimensões de desenvolvimento, das mais culturais às mais economicistas e capitalistas.

Competitividade, economia e criação de riqueza são expressões frequentemente referidas nas notícias sobre o processo de regeneração da Zona Oliva, tanto por atores políticos locais, como pelos agentes nacionais, que visitavam a cidade. Os discursos, aliás, realçam o carácter económico e competitivo do projeto da OCF muito mais do que abordam a cultura como um fim em si mesma, relegando para um segundo plano as coleções de arte depositadas naquela zona e colocando a tónica dos discursos nas indústrias criativas que ali se pretendia gerar. Por oposição, o colecionador Antoine Saint Silvestre disse, em 2014, que “os políticos portugueses ainda não perceberam que a arte é um motor muito forte e que não é inútil como se podia pensar”^[11]. Não obstante, há esforços municipais no sentido de aproximar as pessoas dessa arte, como frisou em 2019 o presidente Jorge Vultos Sequeira^[12], de que é exemplo a instalação de algumas obras de arte em edifícios públicos como o Fórum Municipal.



^[10] Refira-se que, fruto da sua história de emancipação, São João da Madeira é o município mais pequeno do país, tendo apenas cerca de oito quilómetros quadrados.

^[11] Citado no jornal “O Regional”, de 22 de maio de 2014.

^[12] Jornal “O Regional”, edição de 5 de setembro de 2019.

Para Ferreira (2010, p. 12), os processos de regeneração urbana são “oportunidades relevantes para requalificar zonas das cidades, injetar maior dinamismo cultural nos territórios urbanos e melhorar as imagens das cidades, tanto interna como externamente”, sendo que existem algumas limitações e ainda falta estudar, no caso português, o real envolvimento da comunidade no desenvolvimento cultural das cidades. Esse envolvimento é necessário para um desenvolvimento cultural consistente e consequente, já que “para ser realmente desenvolvimento deve fazer-se à medida dos recursos, interesses, necessidades e expectativas das pessoas” (Ferreira, 2010, p. 19).

A regeneração da Zona Oliva remete para a valorização e gestão do património, que tem sido uma das prioridades das políticas culturais em Portugal (Santos, 1998; Marques, 2014; Vargas, 2022) a par com o objetivo de democratização cultural, numa lógica de distinção entre artes legítimas e ilegítimas (Bourdieu, 2010). A democratização cultural, em teoria, propõe a criação de condições para que todas as pessoas tenham acesso a bens contidos na sociedade. Todavia, isto leva a uma política de gosto, assente em pressupostos elitistas (Bourdieu, 2010). É nesse sentido que, após décadas de instabilidade e inconsequência no campo das políticas culturais, em Portugal (Santos, 1998; Marques, 2014; Vargas, 2022), começa a ter expressão o modelo de democracia cultural, partindo da ideia de que não há uma definição fechada de cultura e de que este conceito deve ser mais inclusivo e participativo (Lopes, 2007). Menos elitista do que o conceito teórico de democratização da cultura, a proposta de democracia cultural funciona mais quando criadores e intermediários estão abertos ao diálogo, à partilha e à participação mais generalizada. Se, como defende Lopes (2007), o primeiro passo para a democracia cultural deve ser dado pelas instituições, então estas devem saber que públicos pretendem e que cidades querem ajudar a construir (Zukin, 1995), por forma a evitar cair em populismos e permitir a existência de critérios de qualidade, ainda que evolutivos e negociáveis entre os atores culturais e políticos.

Deste modo, para haver um desenvolvimento cultural, deve haver um modelo de democracia cultural com a participação ativa de cidadãos. No processo de regeneração urbana da Oliva, além do objetivo da democratização, foi possível identificar algumas práticas assentes nessa lógica, como a participação de ex-operários na realização de visitas. Essas visitas, feitas por ex-operários, que se realizavam em ocasiões especiais (aniversário do museu, Jornadas Europeias do Património ou Dia do Sapateiro, por exemplo), foram, entretanto, descontinuadas. As razões devem-se ao falecimento de algumas das pessoas com essa experiência, bem como à idade avançada de outras e ainda a dificuldades em manterem-se os contactos entre a instituição e as pessoas^[13]. Ao serem conduzidas por protagonistas do setor local do calçado, as visitas potenciavam a partilha de conhecimento técnico, assim como “memórias e histórias do quotidiano” de sapateiros/operários da indústria do calçado^[14].

 ^[13] Justificações dadas pelo Museu do Calçado diretamente a esta investigação.

^[14] Idem.

Apesar da descontinuidade destas visitas afetar a dimensão de envolvimento da comunidade local nas dinâmicas do Museu do Calçado, em 2021, foi desenvolvido um projeto artístico intitulado “Cada um sabe onde lhe aperta o seu sapato”^[15], que contou com o envolvimento de cerca de 40 pessoas da comunidade local, que participaram na performance e/ou partilhando as suas memórias sobre sapatos. Tratou-se de uma visita performativa ao Museu do Calçado, no âmbito da qual se foram partilhando histórias sobre calçado, independentemente da sua ligação ao setor industrial, partindo também de histórias pessoais de quem vive, atualmente, no concelho, evidenciando ainda o caráter de inclusão pela cultura expresso nesta criação. Todavia, este espetáculo aconteceu apenas duas vezes, em maio de 2021.

Enquadrado no mesmo projeto (Interferências 1.0) foi apresentada igualmente a criação artística participativa “Cidade Sobre Si”^[16], que demonstra como a memória da Oliva se encontra ainda muito presente em São João da Madeira. “A inauguração desta criação em abril não é indiferente ao facto de ter sido o mês em que, em 1926, a Oliva terá iniciado a sua atividade e o mesmo mês em que, em 2010, foi decretado o seu fecho”, lê-se na página do projeto, apresentado em 2022 e que envolveu mais de uma dezena de pessoas. Esta criação pretendeu ser, de certa forma, uma comemoração do presente de São João da Madeira, com pessoas que se juntaram para “ouvir a cidade e imaginar o que seria uma cidade dentro da cidade (como se diz que era a OLIVA)” (Interferências 1.0).

Todas as cinco criações participativas desenvolvidas na cidade no âmbito do Interferências 1.0, entre dezembro de 2020 e julho de 2022, encontram-se disponíveis, com informações sobre o processo criativo, a partir da página oficial da Casa da Criatividade, fazendo, assim, jus a uma dimensão democrática (de democratização) do projeto (que procurou trabalhar, ainda que, talvez, implicitamente, num modelo de democracia cultural).

No CAO, também se pode verificar um envolvimento da comunidade regional, designadamente no âmbito das relações entre esta e outras instituições, como escolas da cidade, Centro Hospitalar de Entre Douro e Vouga e a Instituição Particular de Solidariedade Social Ecos Urbanos. No primeiro caso, é exemplo a mostra “A Cidade Invisível”, com trabalhos de alunos do 8º ano do Agrupamento de Escolas Dr. Serafim Leite, expostos no CAO. No segundo caso, destaca-se uma oficina artística, iniciada em 2016, direcionada para pacientes do departamento de saúde mental, que pretende

impulsionar e estimular o lado sensorial, emocional, racional e criativo dos participantes promovendo ideais de reflexão, questionamento, procura, exploração, experimentação e criação livre, tanto a partir de experiências pessoais como a partir das exposições e obras patentes no Centro de Arte Oliva, criando um espaço de debate aberto, integrador e inclusivo (CAO)

 ^[15] <https://www.casadacriatividade.com/cadaumsabeondelheapertaosapato>

^[16] <https://www.casadacriatividade.com/cidade-sobre-si>

Quanto ao trabalho em rede com os Ecos Urbanos, é exemplo expressivo a parceria do CAO no projeto “Lugares de Encontro”^[17], destinado a mulheres em situação de vulnerabilidade social, em contextos de famílias monoparentais. Este projeto incluiu uma vertente de educação artística para crianças (filhos e filhas das mulheres beneficiárias) e que foi desenvolvida pelo CAO.

Relativamente a um envolvimento mais passivo dos espaços, designadamente por via da visitação, o Museu do Calçado, entre novembro de 2016 e outubro de 2024, teve um total de visitantes superior a 73 mil, dos quais 7377 (cerca de 10%) foram sanjoanenses. Já o CAO teve, em 2022, um total de 6951 visitas, das quais 2360 foram de sanjoanenses (cerca de 34%), já em 2023, registou 8984 visitas, das quais 3873 (cerca de 43%) de sanjoanenses e, até ao final de outubro de 2024, das 6566 visitas ao CAO, 2834 (cerca de 43%) foram de residentes no concelho^[18].

5. Considerações finais

A cultura tem assumido um papel estratégico na organização urbana da cidade de São João da Madeira, o que se tornou mais forte com a regeneração da Zona Oliva, criando-se grande parte das instituições culturais municipais que se encontram, atualmente, ao serviço da população. O papel instrumental atribuído à cultura traz vantagens e desvantagens, sendo um dos desafios a própria definição de cultura que, nesta cidade, parece ampla, integrando atividades, objetos, bens, serviços, património industrial e turismo.

O processo de regeneração da Zona Oliva tem levado a um “reordenamento simbólico” (Ferreira, 2010, p. 13), que tem vindo a privilegiar a marca Oliva, colocando a cultura e a criatividade como um serviço para a população local ou para turistas. O envolvimento da comunidade acontece em alguns momentos. Os projetos de participação e envolvimento mencionados são mais relevantes que os números que dizem respeito a visitantes das instituições. Esses projetos, apesar de mais difíceis de avaliar no seu impacto, proporcionam práticas pedagógicas e participativas, que vão além daquilo que apenas uma visita, mesmo que guiada ou interpretada, pode fornecer. Assim, futuramente, o envolvimento direto e as práticas de democracia cultural devem robustecer-se, por forma a que o desenvolvimento que estas instituições permitem à cidade seja mais social e comunitário, do que meramente económico.

Mesmo que o desenvolvimento presente nos discursos políticos analisados tenha uma forte perspetiva económica, que se torna superior à perspetiva comunitária ou cultural que possa estar subjacente ao conceito de desenvolvimento de São João da Madeira no quadro da regeneração da Zona Oliva, os exemplos de projetos e iniciativas aqui mencionados demonstram como as dinâmicas das instituições (por vezes, à margem dos discursos políticos) podem contribuir para melhorias na vida da população local, através da criação de respostas e novas ofertas.

 ^[17] <https://ecosurbanos.pt/lugaresdeencontro/>

^[18] Dados cedidos diretamente por cada uma das instituições a esta investigação. O Museu do Calçado enviou os dados globais de visitantes, especificando, por ano, apenas visitantes sanjoanenses, pelo que se utiliza aqui apenas os números globais. O Centro de Arte Oliva enviou as informações de visitantes por ano, sendo que apenas desde 2022 apresenta a informação sobre quantos dos visitantes são sanjoanenses.

Não deixa, contudo, de ser necessária uma análise mais profunda às práticas e sociabilidades geradas, bem como uma reflexão do envolvimento das pessoas em processos de democracia cultural, nos quais o primeiro passo deve ser dado pelas instituições e os restantes em conjunto com os públicos (Lopes, 2007). Desse modo, poder-se-á também auferir se o desenvolvimento da Zona Oliva, e do concelho, está em linha com as necessidades, interesses, recursos e expetativas da comunidade (Ferreira, 2010).

Em todo o caso, fica claro que o município de São João da Madeira tem vindo a promover e/ou apoiar iniciativas de democracia cultural ^[19] as quais têm, em alguns momentos, utilizado os espaços físicos e de memória da Oliva. A existência dessas iniciativas torna ainda mais pertinente o futuro estudo das questões elencadas no anterior parágrafo, pois, dessa forma, será possível compreender o lugar que ocupa a cultura nesta cidade e que desenvolvimento sociocultural tem vindo a acontecer, bem como qual o seu impacto na comunidade.

Nesse sentido, por um lado, a análise documental e a revisão da imprensa local permitem compreender que nos discursos políticos sobressai o desenvolvimento enquanto mecanismo para o crescimento económico (Amaro, 2017), não sendo totalmente descurado o desenvolvimento sociocultural, o que se traduz nos projetos artísticos e participativos mencionados. Por outro lado, importa reconhecer os limites desta análise, que não permite afirmar com rigor que o processo de regeneração urbana da Zona Oliva esteja a contribuir, de forma efetiva e contínua, para uma melhor qualidade de vida (Ferreira, 2014) da população. Este ensaio poderá abrir caminho para um trabalho mais extenso, com recurso a outras fontes (bibliográficas, orais, de imprensa, legislação e arquivos) e metodologias (estudos de caso, observação direta), que permitam ampliar a perceção sobre os níveis de participação dos públicos (Lopes, 2007) nas dinâmicas culturais que resultaram da regeneração urbana da Zona Oliva e/ou que têm vindo a ser promovidas pelos poderes políticos locais.

Assim, ficará mais claro se o papel da cultura na cidade é ou não meramente instrumental, sendo a cultura utilizada como slogan, pervertendo-se com isso o desenvolvimento cultural do território e da sua comunidade e o desenvolvimento mais amplo de que estes carecem, seja por via da cultura ou por qualquer outra (Ferreira, 2010, p. 13). A partir da análise de discursos dos protagonistas políticos da cidade, sobretudo entre 2010 e 2016, é essa a perceção obtida, em linha com a perspetiva de Ferreira (2010) e com as tendências da sociedade contemporânea. No entanto, este trabalho não considera, com a mesma importância, discursos, por exemplo, das pessoas envolvidas nos processos de participação cultural. Reconhecendo as limitações deste texto, sobretudo em termos metodológicos e da dimensão documental e temporal da análise, é, pois, fundamental não dar por fechado este estudo.

 ^[19] Ver projetos Interferências 1.0 (<https://www.casadacriatividade.com/interferencias>) e ATOS (<https://www.tndm.pt/pt/projetos/atos/>)

Referências Bibliográficas

- Amaro, R. R. (2017), Desenvolvimento ou Pós-Desenvolvimento? Des-Envolvimento e... Noflay!. *Cadernos de Estudos Africanos*, 34. <http://journals.openedition.org/cea/2335>
- Arquivo físico do jornal “O Regional”. (n.d.). Rua 11 de Outubro, 178, São João da Madeira.
- Barbedo, R. (2019, 29 de janeiro). A nova vida da velha Oliva. *Jornal de Negócios*. <https://www.jornaldenegocios.pt/negocios-iniciativas/negocios-e-portugal/sao-joao-da-madeira/detalhe/a-nova-vida-da-velha-oliva>
- Bourdieu, P. (2010). *A distinção: Uma crítica social da faculdade de juízo*. Edições 70.
- Centro de Arte Oliva. (n.d.). <https://centrodearteoliva.pt>
- Gomes, A. C. (2021, 2 de dezembro). Mural de Vhils destruído pelo tempo nas paredes da Oliva. *Jornal O Regional*. <https://oregional.pt/2021/12/02/mural-de-vhils-destruido-pelo-tempo-nas-paredes-da-oliva/>
- Gomes, A. C. (2023, 16 de março). Investimento privado imobiliário de 12 milhões de euros na zona da Oliva. *Jornal O Regional*. <https://oregional.pt/2023/03/16/investimento-privado-imobiliario-de-12-milhoes-de-euros-na-zona-da-oliva/>
- Harvey, D. (2008). *O neoliberalismo: História e implicações*. Loyola.
- Jornal Labor. (2020, 20 de fevereiro). Oliva Creative Factory já se “lê em grande” na Rua da Fundação. <https://labor.pt/2020/02/20/oliva-creative-factory-ja-se-le-em-grande-na-rua-da-fundicao/>
- Lopes, J. T. (2007). *Da democratização à democracia cultural: Uma reflexão sobre políticas culturais e espaço público*. Profedições.
- Lusa. (2013, 22 de julho). Oliva Creative Factory acolhe onze empresas criativas. *Público*. <https://www.publico.pt/2013/07/22/p3/noticia/oliva-creative-factory-acolhe-onze-empresas-criativas-1817669>
- Marcelo, P. (2011). *OLIVA: Memórias de uma marca portuguesa*. Tinta da China.
- Marques, F. P. (2014). *Cultura e política(s)*. Âncora Editora.
- Menger, P. M. (2013). European cultural policies and the ‘creative industries turn’. In T. Kerry & C. Janet (Eds.), *Handbook of research on creativity* (Cap. 32).
- Museu do Calçado. (n.d.). <https://www.museu-do-calcado.pt/>
- Museu da Chapelaria. (n.d.). <https://www.museudachapelaria.pt/>

Nunes, G. (2018, 12 de julho). Núcleo de Arte tem patente secção do Muro de Berlim. *Jornal Labor*. <https://labor.pt/2018/07/12/nucleo-de-arte-tem-patente-seccao-do-muro-de-berlim/>

Oliva Creative Factory. (n.d.). <https://www.olivacreativefactory.com/>

Oliveira, S. D. (2013, 13 de janeiro). Vhils crava a Miss Oliva na parede num tributo aos antigos operários da fábrica. *Público*. <https://www.publico.pt/2013/01/13/local/noticia/vhils-crava-a-miss-oliva-na-parede-num-tributo-aos-antigos-operarios-1580567>

Oliveira, S. D. (2016, 20 de janeiro). Oliva acaba de entrar no roteiro turístico que mostra o miolo de fábricas. *Público*. <https://www.publico.pt/2016/01/20/local/noticia/oliva-acaba-de-entrar-no-roteiro-turistico-que-mostra-o-miolo-de-fabricas-1720770>

Queiróz, M. (2013, 25 de outubro). O colecionador curioso. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/revistas/nm/o-colecionador-curioso-3497205.html>

Turismo Industrial. (n.d.). <https://turismoindustrial.cm-sjm.pt/>

Vargas, C. (2022). *Governança na cultura*. Edições Humus.

Zukin, S. (1995). *The culture of cities*. Blackwell Publishers.

Cátia Cardoso, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais, Portugal

E-mail: catiacardoso@ces.uc.pt





